

AS QUATRO ESTAÇÕES ERAM CINCO

A QUINTA ESTAÇÃO DE JORGE DE SENA

Francisco Ferreira de Lima*

Sempre que leio ou penso em Jorge de Sena vem-me à mente a imagem de poeta moldada por Camões nos seus *Lusíadas*: *Nem me falta na vida honesto estudo, /Com longa experiência misturado. /Nem engenho, que aqui vereis presente, /coisas que juntas se acham raramente.* É possível que o poeta falasse dele mesmo, mas acaba por definir um modo de ser (poeta) e um modo de estar no mundo, lendo-o e interferindo nele, (quase) arrogante na consciência de sua grandeza – pouquíssimo reconhecida em seu tempo, aliás.

O tema de “As quatro estações eram cinco” é especialmente recorrente e muitos poetas do Renascimento o transformaram num *topos* obrigatório da poesia de todos os tempos. Trata-se da resignada constatação do descompasso entre os ciclos da natureza, que dão uma volta completa sobre si mesmos, no eterno retorno em que o velho é outra vez o novo, e o ciclo da vida humana, único e irrepetível, que se estabelece como uma linha reta em direção à velhice e à morte.

Ele re-surge com força, *grosso modo*, como efeito da descoberta da pequenez do humano ante a dimensão infinita do mundo, no qual Deus, ainda que onipresente, parecia estar bem mais distante do homem do que supunham os áureos tempos medievais. Daí a euforia de o homem redescobrir-se “a medida de todas as coisas” transitar para a disforia de saber-se relativamente só no mundo, tendo que nele construir seu lugar como sujeito.

Tal o tema do poema, na bela homenagem de Sena aos poetas que o antecederam. Evitando o soneto clássico, como seria de esperar, este poeta de outro século faz evidente no seu poema o multiplicar-se vertiginoso da passagem do tempo, aspecto que o soneto, em seu formato cerebral, não

mais alcançaria. O tempo é um nos sonetos dos seus antecessores e já é outro no tempo de Sena. O que cabia adequadamente em catorze versos, agora só precisa de seis exíguos versos para dar-se a ler na sua inteireza. Em suma: é como se a própria substância do tempo sofresse uma alteração radical em termos de sua dinâmica interna.

É, pois, não apenas o tempo que movimenta o poema, mas, antes, sua vertigem. E ela é rigorosamente desenhada no movimento dos três versos iniciais. Observe-se que não há um único elemento de pontuação a criar qualquer barreira entre esses versos, o que obriga o leitor a percorrê-los com a mesma velocidade que eles anunciam. O tempo, diz-nos o poema, em sua voraz passagem não reconhece pausa ou obstáculo. Nada há a impedir seu caminho! E assim, embora lá estejam detalhadas as estações, não se tem nenhuma delas em si, pois cada uma encadeia-se na seguinte numa espécie de mágica fusão entre o fim de uma e o começo da outra, fundindo-as todas num caudaloso rio do tempo. Caudal que se adensa na profusão de sibilantes distribuídas ao longo dessa metade do texto (passa, eStio, Se anunCia, Se há-de Ser, Nascida) e que obriga o leitor a experimentar fisicamente a velocidade da vertigem, revelada nesses sons de ventanias.

Os dois versos seguintes tornam clara a ideia de repetição, de ciclo. Agora, apresenta-se, digamos assim, os elementos que compõem essa unidade, como se se estivesse a falar de uma unidade de medida. Ficamos a saber que é na relação noite/dia que tal unidade se organiza. Não importa dia mais longo, dia mais curto, pois todos são filhos da noite, que, na escuridão, os faz brotar envoltos na dimensão mágica da eternidade, razão pela qual merecem essa vírgula antes de “eterno”, cujo efeito é dotar a eternidade de uma espécie de total autossuficiência. Longos ou curtos, o que os marcam é sua intrínseca eternidade. E assim avança-se da ideia de ciclo para a de eternidade como coisa em si.

Eis criado o contexto perfeito para o surgimento do homem. E ele vem num verso magistral, num fecho de ouro ao modo clássico: *Só o homem morre*

de não ser quem era. Então entende-se ainda melhor o papel daquele “eterno” isolado no verso anterior. Seu isolamento reforça a dimensão trágica da morte do homem em sua fugaz transitoriedade: o homem morre de não ser quem era. Isto é, não só do que supôs ser, mas do que efetivamente foi.

E o que já foi o homem? Um igual da natureza, responde o poema. Por um tempo, numa curta fase de sua vida, o homem vive efetivamente como parte da natureza. Como lembra Caeiro, a criança não pensa; a criança vive.

E, finalmente, pode-se compreender o algo enigmático título. De fato, e ainda que por pouco tempo – e nisso, o poema de Sena renova o *topos* –, se o homem vive efetivamente integrado à natureza, com ela con-fundido, ele é mais que um homem; mais que um igual da natureza. É natureza em estado puro. É, portanto, sua quinta estação. E assim, por um dia que seja, as estações, em vez de quatro, são cinco na vida de todo ser humano.

Todavia, como não se pode ser criança o tempo todo e Alberto Caeiro é só um poeta de papel, e o pensamento tudo inunda, tudo contamina e tudo corrói, a natureza mais dia menos dia apresenta sua fatura: de natureza pura o homem agora é um seu desigual. E o preço é a exclusão do círculo, que se traduz, primeiro em velhice – retome-se Sá de Miranda, *mudando-m’eu fiz doutras cores* – e depois em morte, sobre as quais, velhice e morte, a natureza, em seu perpétuo movimento de renovação, parece lançar, no máximo, um trivial e fugaz olhar de indiferença.

* Professor Titular aposentado na Universidade Estadual de Feira de Santana, é Mestre e Doutor em Literatura Portuguesa. Tem vários artigos e livros publicados. O último deles é *O real e o avesso: o mar em Camões e Pessoa & outros temas*. Rio do Engenho: Salvador, 2018.